

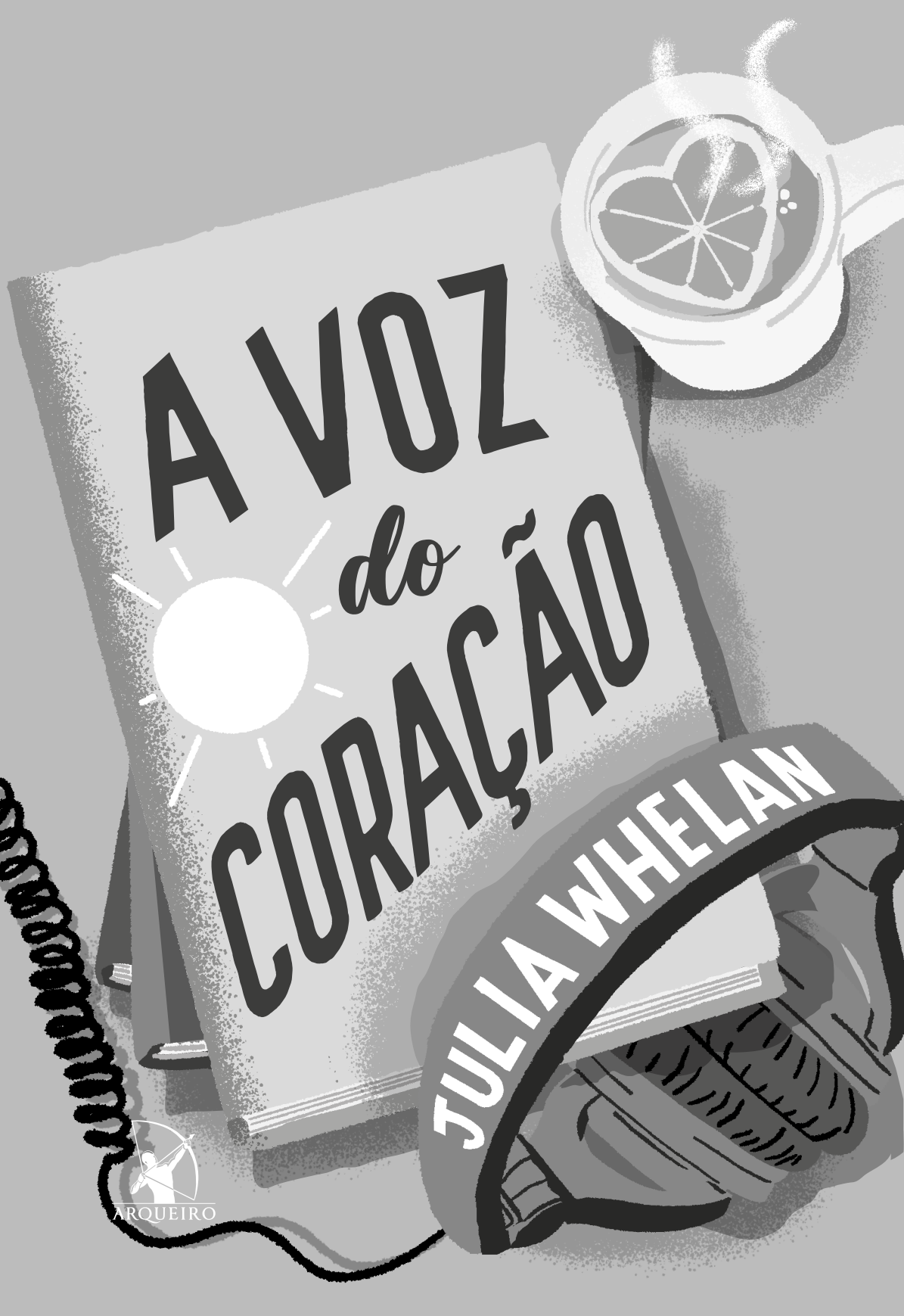
“Espirituoso, inteligente e franco, este livro revoluciona todos os nossos clichês românticos preferidos. Leitura obrigatória para quem adora uma boa história de amor.” – TAYLOR JENKINS REID, autora de *Os sete maridos de Evelyn Hugo*

A VOZ do CORAÇÃO

JULIA WHELAN



A VOZ DO CORAÇÃO



A VOZ *do* CORAÇÃO

JULIA WHELAN

Título original: *Thank You for Listening*

Copyright © 2022 por Five/Twelve Productions
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cláudia Mello Belhassof
preparo de originais: Sara Orofino
revisão: Carolina Rodrigues e Suelen Lopes
design de capa e ilustração: Nathan Burton
adaptação de capa e diagramação: Gustavo Cardozo
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W574v

Whelan, Julia

A voz do coração / Julia Whelan ; [tradução Cláudia Mello Belhassof]. -
1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.
400 p. ; 23 cm.

Tradução de: Thank you for listening
ISBN 978-65-5565-456-1

1. Ficção americana. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título.

22-81662

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para as pessoas que amamos.
Especialmente nossas parceiras.
Especialmente o meu parceiro.*



PARTE I

Toda literatura é uma destas duas histórias: um homem sai em uma jornada ou um desconhecido chega à cidade.

– Liev Tolstói

Prólogos são como um flerte: têm hora e lugar. Mas às vezes você precisa empurrar o leitor contra a parede e enfiar a língua na goela dele.

– June French



“Uma mulher sai em uma jornada”

As coisas estavam esquentando sem nenhuma possibilidade de esfriar. Não desta vez. Ela via isso nos olhos dele. As pupilas estavam latejando. O cavaleiro das últimas três semanas tinha desaparecido. Ele agora era tudo, menos gentil. Era um macho.

Os olhos de ambos estavam alertas. Ele levantou a mão e grudou-a na blusa de seda branca da mulher. A pulsação dela acelerou. Ele lhe deu um beijo molhado, com paixão, depois agarrou os quadris que o cavalgavam e a tirou de cima dele. Ela deu um grito assustado quando ele a virou...

– Algo pra beber?

... e a colocou sobre o caro sofá de crepe chinês.

– Senhora?

– Não devíamos fazer isso – rosnou ele. – Você é minha estagiária. E o meu avô insiste que eu me case com Caroline.

– Algo pra beber?

O tom sofrido chegou até ela, e Sewanee Chester, a chocada ocupante da poltrona da janela, arrancou os fones com cancelamento de ruído como se estivessem em chamas.

– O quê? Desculpa! O que foi?

– Algo pra beber?

– Hum. Só água. Por favor.

– Gelo?

– Hum, só... por favor.

Ela baixou a bandeja e a comissária de bordo lhe entregou a água. Antes que Sewanee pudesse agradecer, a mulher no corredor se virou para a filha na poltrona do meio e perguntou, com aquela voz esganiçada e cheia de amor usada tanto para animais de estimação quanto para crianças:

– Quer beber alguma coooooisa?

– Suco!

– Que tipo de suuuuuuco?

Sewanee colocou os fones de volta e percebeu que não tinha pausado o audiolivro. A blusa da estagiária já tinha sido tirada. Ela suspirou, deu uma pausa, se conectou ao wi-fi do voo e mandou uma mensagem para Mark:

Bom dia. Eu te odeio.

Apertou enviar e tomou um gole de água.

Vinte segundos depois, ele respondeu:

Eu te dei um com as melhores avaliações!

SEWANEE:

As pupilas dele estão latejando, Mark. As PUPILAS.

Enquanto Mark digitava (bolinhas, bolinhas, bolinhas... ele tinha quase 70 anos, então ela dava um desconto), Sewanee bebia sua água.

MARK:

Não seja arrogante. Nem todas as pessoas têm um pai professor de inglês, querida.

SEWANEE:

Isso não tem nada a ver com arrogância.

NEM com meu pai. Tem a ver com ANATOMIA.

Ele mudou de assunto:

MARK:

Agradeço muito por me substituir.

SEWANEE:

Faço tudo por você. Como está o pé?

MARK:

Ainda quebrado. Como você está?

SEWANEE:

Quero mudar o nome do painel.

MARK:

O que tem de errado com: "Fingimento: narrando amor e sexo em livros românticos?"

SEWANEE:

Eu estava pensando em... "Narrando livros de romance: como fazer um bom 'oral'".

Ela terminou a água, inclinando a cabeça para trás. Os cubos de gelo escaparam, batendo nos dentes dela com tanta força que a água escorreu pelo pescoço e pela blusa.

– Você se molhou!

Sewanee deu um sorriso tenso para a criança, enquanto ajeitava o copo no espaço circular no canto da bandeja. Será que essa bordinha alguma vez impediu os copos de virarem durante uma turbulência? Ela queria saber as estatísticas disso.

MARK:

Eu sei o que você pensa de romances, mas você vai conseguir. Só vê se leva a sério, por favor.

SEWANEE:

*Conseguir.

Pelos alto-falantes, um comissário de bordo anunciou:

– Senhoras e senhores, sei que acabamos de terminar o serviço de bordo, mas, dentro de poucos minutos, vamos começar a descida para Las Vegas. Neste momento, pedimos que guardem todos os seus dispositivos eletrônicos...

Sewanee olhou para o celular. Mark tinha acabado de digitar.

MARK:

Os fãs estão alucinados. Devia ver os grupos do facebook. Você nem imagina.

SEWANEE:

*imagina. Já conversamos sobre isso. Já saquei.

MARK:

Bosta de corretor! Mas é a BiblioCon! 50 mil participantes e o pavilhão de Romance tem pelo menos um terço deles.

– Senhora, preciso que levante sua bandeja.

Sewanee obedeceu.

– Também preciso que levante sua poltrona.

– Ela não levanta. – Sewanee continuou digitando no celular.

A comissária de bordo se esticou por cima da mãe e da criança para puxar a poltrona de Sewanee para a frente. A menininha se virou para ajudá-la por um instante, depois jogou as mãos grudentas para cima, derrotada.

– Ela não levanta!

– Obrigada – murmurou Sewanee.

– Por nada – respondeu ela.

SEWANEE:

Mark, eu disse que já saquei. Totalmente! Absolutamente! Você recebe um livro, recebe um livro e recebe um livro!

MARK:

E não se esqueça de curtir, Oprah.
Las Vegas, Baby! Hahaha

Sewanee abriu o e-mail e verificou de novo o impressionante número de eventos da BiblioCon. Filtrou pela programação de romance e deu uma olhada nas palestras de autores, nos eventos de autógrafos, nos coquetéis e no leilão silencioso para caridade. Riu alto de um item destacado: jantar com um modelo masculino de capa. Em seguida, vasculhou a abundância de painéis oferecidos: “Palavras Cruzadas: escrevendo um romance H/H mesmo sem ter sua própria espada”, “Como escrever sobre roupas de época e como tirá-las” e, claro, seu próprio painel sobre produção de audiolivros, que Mark – seu mentor, chefe e proprietário do seu apartamento – estaria moderando se não tivesse atropelado o pé com o próprio carro dois dias antes. Sal, um Karmann Ghia vermelho, era a coisa mais próxima de um relacionamento longo que Mark tivera desde que fugira de São Francisco quinze anos atrás – depois que seu companheiro, Julio, morreu.

Ela estava feliz em ajudá-lo com a BiblioCon, mas havia dois problemas. Talvez três. Embora fosse essencialmente a fiel escudeira de Mark, ajudando-o a administrar o estúdio de gravação que ele tinha em casa, em Hollywood Hills, em troca de morar na casa de hóspedes dele no meio da colina, Sewanee não era produtora de audiolivros como Mark; era narradora. O segundo problema é que ela era uma narradora que não narrava livros com histórias de amor. Havia feito isso no início, quando estava batalhando para entrar no mercado, gravando sob pseudônimo, como muitos narradores faziam, mas, depois que a carreira decolou, ela aposentou o nome falso, parou de fazer livros desse tipo e nunca mais olhou para trás. Ultimamente não era nem fã do gênero.

Sewanee não pertencia ao pavilhão de Romance.

Verificou duas vezes a informação que Mark havia lhe passado. Ela só tinha compromisso no dia seguinte. Participaria do painel pela manhã, depois ficaria na cabine de autógrafos da convenção pelo resto do dia, respondendo às perguntas de autores sobre a produção de audiolivros. Um voo rápido de volta no domingo à tarde. Eram 48 horas fáceis. Além do mais, estaria em Las

Vegas no mesmo fim de semana que a melhor amiga, que também tinha sido convocada para a conferência. Mas por motivos muito diferentes.

– Você é pirata?

Sewanee se assustou, se virou para a menininha ao lado e a encontrou encarando-a.

A mãe também se assustou.

– Hannah!

– Ela parece pirata.

A mãe pegou a criança para abraçá-la, calando-a de maneira conveniente.

– Desculpa. Ela tem 4 anos.

– Tenho quase 5! – Hannah parecia estar discutindo com a cara enfiada num travesseiro.

– Tudo bem. – Sewanee deu um sorriso compreensivo. – Não, eu não sou pirata.

Hannah escapou do abraço apertado da mãe e se virou totalmente para Sewanee.

– Mas você usa tapa-olho.

– Hannah. – A mãe foi mais incisiva dessa vez. Pelos padrões dos pais de Los Angeles, a fala podia ser considerada rígida. Ela se virou para a filha, deslizou até a ponta da poltrona, soltou o cinto de segurança e ficou bem de frente para a criança, na altura dela, como deve ter sido instruída a fazer. A mulher estava prestes a ensinar alguma coisa. – Não fazemos perguntas pessoais a desconhecidos, meu docinho. Você é tão, tão, tão inteligente, e eu estímulo a sua curiosidade, mas temos que respeitar a privacidade das pessoas, está bem? – A voz esganiçada para animais de estimação tinha voltado.

Hannah se virou de novo para Sewanee.

– Mas por que você usa isso?

A mãe a virou de volta.

– Olha, Bananinha, essa é uma pergunta pessoal, não é?

– Não me chama de Bananinha, já falei. Eu odeio.

– Desculpa.

Hannah se virou de novo para Sewanee.

– Você tá machucada?

Ave-Maria...

– Hannah!

Mas Sewanee estava acostumada com esse interrogatório. Achava reconfortante o fato de que, naquele momento, isso não vinha de um cara bêbado num bar.

– Não. Não mais.

– Mas... mas... se você não tá machucada, por que tem...

Dito isso, a paciência de Sewanee tinha se esgotado.

– Eu adoraria continuar conversando com você – disse ela, mostrando os fones de ouvido Bluetooth pendurados no pescoço –, mas preciso terminar meu trabalho. – Ela olhou para a mãe da garota em busca de ajuda.

– Ah, claro! Crianças de 4 anos são muito curiosas...

– Cinco!

Sewanee balançou a cabeça.

– Tudo bem mesmo. Só que eu tenho prazo e, se não terminar de ouvir isso, posso acabar tendo que procurar outro emprego.

Por culpa do histórico de improvisação, das aulas de atuação e de uma infância vivendo de histórias, Sewanee sabia mentir. Com facilidade. Tanto para si mesma quanto para os outros. Ela pegou os fones no pescoço e os colocou nos ouvidos. Apertou o play no celular. Nenhum som. Aumentou o volume. Nada ainda. Aumentou até o máximo.

Pela visão periférica, ela viu a mãe da menina colocar as mãos sobre os ouvidos de Hannah, puxá-la junto ao peito e arregalar os olhos para Sewanee.

Não.

Meu Deus, não.

Ela tirou os fones a tempo de ouvir, no volume máximo: “Ele abriu as pernas dela com força, arreganhando-a, expondo sua toca secreta aos próprios olhos latejantes. Já pulsando, brilhando, sua generosa...”

Sewanee apertou o botão de pausa com tanta força que o celular caiu no chão. Ela se atrapalhou para pegá-lo, e o audiolivro continuava: “Fala, rosnou ele. ‘Eu quero te ouvir dizer.’ Ele lhe deu uma lambida rápida e provocante. Ela gemeu. ‘Diz que você quer o meu...’”

O celular tinha caído embaixo dos tênis iluminados de princesa da Disney de Hannah, que balançava as perninhas. Sewanee o pegou, se sentou de novo e – com três socos – pausou o audiolivro... pouco depois da palavra “pau”.

Ela encarou o telefone, ignorando o olhar furioso que perfurava sua têmpora. Respirou, esperava, de um jeito casual. Como se nada tivesse acontecido (a negação era outra habilidade que ela dominava), Sewanee se virou de costas para a mãe e a criança e olhou pela janela.

Depois que conseguiu se concentrar e ver a imagem da descida, ela concluiu que Las Vegas tinha uma aparência meio brochante durante o dia. Todo aquele neon noturno era tipo o Viagra da cidade.

Ela se ajeitou na cadeira. Quem traz uma criança para Las Vegas, caramba?, pensou Sewanee de um jeito correto, mas irracional. Que ótima mãe. Conhecia mães como aquela. Que inferno, a mãe dela era assim. Delicada, excessivamente amorosa. Sewanee fora criada do mesmo jeito que Hannah. Parte oeste de Los Angeles (dava para ver pelos braços musculosos de ioga da mãe, pelo cabelo pintado sem raiz aparente, pela pele muito bem hidratada), escolas com *sentimentos*, pais que queriam o melhor para os filhos, enquanto garantiam que os filhos eram os melhores. Que diziam que você pode ser qualquer coisa, fazer qualquer coisa, que sonhos se realizam, que você é especial, que você é sagrado. Seja legal com todos, respeite todo mundo, diga a verdade, trabalhe muito e tudo vai se ajeitar. Você vai viver feliz para sempre.

Boa sorte com isso, Hannah.

Porque é assim que é a vida real: uma mulher impressionantemente mediana, que aparenta ter mais de 30 anos, a caminho de Las Vegas, usando um tapa-olho, sentada numa poltrona quebrada e ouvindo pornô.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

